

## A REORGANIZAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEÓLOGICA NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS: UM BREVE RELATO

**GIOVANI VAHL MATTHIES<sup>1</sup>; GILSON BARBOSA<sup>2</sup>; MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO<sup>3</sup>; MARINA MONTEIRO<sup>4</sup>; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM<sup>4</sup>; DIEGO LEMOS RIBEIRO<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – giovanimathies@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gbson1@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – mauriciopinheiro685@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – marinamonteironascimento33@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – josepbrahm@hotmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – dlr museologo@yahoo.com.br

### 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de reorganização da documentação museológica do Museu Gruppelli, localizado no 7º distrito da zona rural da cidade de Pelotas. As ações doravante descritas são realizadas no escopo do projeto de extensão “Revitalização do Museu Gruppelli”, na área temática da cultura. Esse espaço de memória foi inaugurado no ano de 1998, pela iniciativa da comunidade local, que buscava um espaço para preservar suas histórias e memórias. O acervo do Museu é dividido em núcleos temáticos (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho específico) e se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante.” (FERREIRA, GASTAUD, RIBEIRO, 2013, p. 58).

Na véspera de Páscoa de 2016, a região do sétimo distrito de Pelotas foi atingida por uma enchente de proporções inéditas, que trouxe imensurável prejuízo para a população local, com inúmeras perdas. No Museu Gruppelli não foi diferente, a água, que chegou perto de 1,20 metros de altura, inundou o espaço expositivo e a reserva técnica. Foram encontrados objetos em meio à lama e água e, logo, foram notadas as ausências. Entre as principais perdas do acervo está o tacho de cobre e a cadeira que ficava no cenário da barbearia. Nesse acontecimento de grandes proporções o Museu não perdeu somente objetos do acervo, mas parte de seu material informacional (livro de sugestões, de contabilidade, fichas catalográficas, entre outros).

Em um primeiro momento, a equipe do Museu trabalhou no resgate dos objetos, que consistiu em limpar a lama e secá-los. Todo esse processo foi realizado em uma ação conjunta, que convergiu os Cursos de Museologia, Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), além de diversos outros colaboradores voluntários. Diversos itens do acervo, sobretudo os de suporte em papel, foram levados para os laboratórios do Curso de Conservação e Restauração, onde foi realizado um trabalho de restauração mais aprimorado e emergencial. Importa mencionar que, embora a ocasião fosse trágica, houve uma forte integração entre a Universidade e a comunidade local, no sentido de trazer o Museu de volta à ativa. Outrossim, o evento em questão, sobretudo para o curso de Conservação e Restauração, serviu como laboratório para incrementar as pesquisas sobre acervos em situação de risco, gerando substrato também para trabalhar no ensino as questões suscitadas no momento do resgate e na posterior restauração – o Museu serviu como estudo de caso em disciplinas do Curso.

Em reunião do projeto, para tratar das ações mais voltadas aos processos técnico-científicos do Museu, foi decidido que seria necessário organizar uma equipe interdisciplinar para tratar o acervo e a documentação, assim como o imediato remanejamento da reserva técnica para o andar superior do Museu Gruppelli. A interdisciplinaridade nesse contexto, além dos cursos de Museologia e Conservação e Restauração, cria pontes igualmente com os cursos de Informática e Antropologia, ambos no sentido de gerar uma maior disseminação do acervo, nomeadamente em termos informacionais e comunicativos. Importa apontar para a notável relevância dos processos de documentação de coleções em museus, por se tratar de uma importante ferramenta de controle dos itens do acervo, além de servir como fonte de pesquisa para o desenvolvimento de exposições – a maior janela que se abre entre museu e público. Em outros termos: quanto mais aprimorado for o sistema documental, maior será o potencial de socialização das informações produzidas sobre as coleções.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Concordamos com Marília Xavier Cury (2006) quando afirma que os museus, enquanto lugares de preservação patrimonial, abarcam como funções basilares a coleta, pesquisa, documentação, conservação e comunicação para fins de estudos e lazer, encadeamento esses que configuram o processo de musealização.

Destacamos para fins deste trabalho, que a documentação museológica enquanto parte do processo de musealização, possibilita a organização, a recuperação, o gerenciamento e a disseminação das informações dos acervos e coleções que compõem as instituições museológicas. “Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e à sociedade, enfim não será útil a seu público” (NOVAES, 2000, p. 44).

Padilha (2014), diz que a documentação museológica pode ser dividida de duas maneiras: em documentação dos objetos e em documentação das práticas no museu. A primeira aborda a seleção, a pesquisa, a interpretação, a organização, o armazenamento, a disseminação e a disponibilização da informação. Já a segunda põe em evidência as questões administrativas, organizacionais e de gestão do acervo.

O processo de documentação, em nosso entendimento, também diz respeito à própria forma como o Museu dispõe os objetos e todos os fatores de risco inerentes aos espaços de guarda. Devido à perda documental e ao risco de degradação dos objetos, sobretudo após a enchente, optou-se pela realocação da reserva técnica do andar térreo para o andar superior do Museu Gruppelli. Consideramos que documentação e conservação devem seguir rotas convergentes para a potencialização da salvaguarda.

Neste sentido, o processo de documentação foi pensado e dividido em três etapas: a primeira foi o remanejamento dos objetos da antiga reserva técnica para as salas de cima (superiores) do Museu, como já mencionado. Com as salas devidamente limpas, os objetos do acervo foram colocados em caixas de madeira, e dispostos nas prateleiras e estantes para a melhor organização. Com tudo já organizado, começamos a higienizar livros, quadros, objetos de madeira e ferro, para posteriormente começarmos a comprar os materiais necessários para o processo. Atualmente, ainda está sendo organizado um espaço mais adequado para as ações voltadas à conservação.

A segunda etapa foi à elaboração de uma ficha catalográfica, que contemplasse não tão somente a materialidade dos objetos, mas também sua biografia. Para isso realizamos entrevistas com doadores ou parentes dos antigos donos de alguns objetos como a carroça, a cadeira de barbeiro e a coleção de utensílios (máquinas) utilizada na fabricação de vinho. A ficha teve várias versões até que satisfizesse e contemplasse a riqueza informacional dos objetos.

Vale mencionar, baseado em Peter Van Mensch (1994), que a natureza informativa dos objetos comporta dados intrínsecos e extrínsecos. Os dados intrínsecos estão associados a peso, dureza, forma, cor, textura, entre outros. Já os dados extrínsecos são referentes ao significado, função, valor estético, histórico, financeiro, simbólico, científico, entre outros. É importante destacar ainda as reflexões de Brahm; Ribeiro; Tavares (2016, p. 689), que consideram a existência de uma terceira natureza informativa, que redunda nos “sentidos que podem ser gerados, frutos da relação entre o sujeito e a cultura material; estes, por sua vez, são imensuráveis e mimetizáveis de acordo com as memórias e emoções que são desencadeadas secretamente no cognitivo do sujeito”. Em outros termos: a documentação serve à emoção patrimonial, ao afeto e ao campo do sensível.

A terceira etapa compreende a construção de uma ferramenta interativa para a documentação das coleções, que consiste na elaboração de um *sítio* em que serão disponibilizadas as fichas para acesso remoto. Essa ferramenta será importante na medida em que as pessoas poderão cooperar com o preenchimento das fichas, nos ajudando desse modo na recuperação e criação de novas versões e histórias sobre os objetos do acervo. Ou seja, as fichas terão um espaço designado para que o público possa contribuir com as suas memórias, que serão armazenadas no servidor do *sítio*. Vale mencionar que as pessoas que visitam o Museu já contribuem através de suas narrativas com informações associadas aos objetos do acervo.

Esta ferramenta ampliará notoriamente a comunicação e interação objeto/público e consequentemente a salvaguarda de memórias e identidades. Acreditamos que, por meio dessa ferramenta, o público se sentirá mais identificado com o Museu, amplificando seu potencial de preservação e difusão. Do mesmo modo, colocará em xeque a ideia de que os processos técnico-científicos são restritos à equipe do Museu.

### 3. RESULTADOS

Com este trabalho, ainda em andamento, tivemos a oportunidade de pôr em prática o que aprendemos em sala de aula, podendo fazer desse modo uma ligação entre pesquisa, ensino e extensão. O trabalho nos proporcionou a oportunidade de perceber a realidade que grande parte dos museus vivenciam na atualidade como: a falta de recursos e de infraestrutura.

Tendo em vista as dificuldades apresentadas criamos métodos mais exequíveis para reorganizar o acervo e qualificar a comunicação, fazendo uso da criatividade e potencializando os parcos recursos disponíveis. Essas práticas melhoraram a comunicação e potencializam as conexões entre os objetos e o público. Do mesmo modo, aproximam os discentes da realidade do campo de trabalho, muitas vezes distantes do que é ilustrado na bibliografia da área.

Embora o trabalho ainda esteja em processo, já conseguimos contemplar as etapas 1 e 2 do processo. A etapa três está em fase de testes e próximo de ser colocado em prática, com o auxílio de discentes do curso de Informática e em parceria com os colaboradores do projeto de extensão.

## 4. AVALIAÇÃO

As ações permitiram perceber que a documentação está no cerne do trabalho do profissional museólogo, ao interligar nessa prática o tratamento, a recuperação e o cadastro de informações intrínsecas e extrínsecas do objeto. O trabalho ora exposto possibilita vislumbrar diversas formas de registro e disseminação de informação, que favorecem a construção de um sistema colaborativo e interativo com os públicos. Práticas museológicas que eram tradicionalmente feitas nos laboratórios “assépticos”, em instituições que engessam os objetos em vitrines, nesse contexto segue caminho reverso. Além de retratar a biografia dos objetos, revelada por intermédio de entrevistas com os doadores e outros atores-sociais, os colaboradores do projeto buscam desvelar a biografia das pessoas por intermédio dos objetos – em uma relação duplamente relacional com os objetos. Por essa prática, os objetos são colocados à disposição para que novas histórias e memórias sejam anexadas ao objeto, tendo em perspectiva que: “enquanto dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles (os sentidos) estão na dependência do lugar social que a ele (o corpo) é destinado” (CHAGAS, 2005, p. 215). Em síntese, acreditamos que o maior potencial do museu reside no extramuros, que oferece oxigênio para manter sua vitalidade social e cultural.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAHM, J. P. S.; RIBEIRO, D. L.; TAVARES, D. K. Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 4, p. 685-705, 2016.

CHAGAS, M. Casas e portas da memória e do patrimônio. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra-capa, 2005.

CURY, M. X. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

FERREIRA, M. L.; GASTAUD, C.; RIBEIRO, D. L. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013. Disponível em:  
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppqpmus/article/download/236/218>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MENSCH, P. V. **O objeto de estudo da museologia.** Rio de Janeiro: UNI RIO/UGF, 1994.

NOVAES, L. R. Da organização do patrimônio museológico; refletindo sobre documentação museológica. In: **Museologia Social**, SMC, Porto Alegre, 2000.

PADILHA, R. C; CAFÉ, L. M. A. Organização de acervo fotográfico histórico: proposta de descrição. inCID: **Revista de ciência da informação e documentação**, v 5, n .1, p. 90-111, 2014.